



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO E FUNDAMENTOS DA
EDUCAÇÃO: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS E
INTERDISCIPLINARES**

VERA LÚCIA PEIXOTO

OS MÚLTIPLOS SIGNIFICADOS DA IDENTIDADE DOCENTE

**João Pessoa – PB
2014**

VERA LÚCIA PEIXOTO

OS MÚLTIPLOS SIGNIFICADOS DA IDENTIDADE DOCENTE

Monografia apresentada ao Curso de Especialização Fundamentos da Educação: práticas pedagógicas interdisciplinares da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Especialista em Educação.

Orientadora: Prof^ª Ms. **Teresa Neuma de Farias Campina**

**João Pessoa – PB
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

P379m Peixoto, Vera Lúcia
Os múltiplos significados da identidade docente [manuscrito] :
/ Vera Lúcia Peixoto. - 2014.
32 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Fundamentos da Educação:
Práticas Pedagógicas Interdisciplinares) - Universidade Estadual
da Paraíba, Pró-Reitoria de Ensino Médio, Técnico e Educação à
Distância, 2014.

"Orientação: Profa. MaTeresa Neuma de Farias Campina,
Departamento de letras".

1. Identidade. 2. Docência. 3. Formação. I. Título.

21. ed. CDD 370.7

VERA LÚCIA PEIXOTO

OS MÚLTIPLOS SIGNIFICADOS DA IDENTIDADE DOCENTE

Monografia apresentada ao Curso de Especialização da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Especialista em Educação.

Aprovada em: 18/10/2014

Banca Examinadora

Teresa Neuma de F. Carpina

Profª Ms. Teresa Neuma de Farias Carpina

Orientadora

Cléa Gurjão Carneiro

Profª Ms. Cléa Gurjão Carneiro

Examinadora

Amasile Coelho L.C. Sousa

Profª Ms. Amasile Coelho Lisboa da Costa Sousa

Examinadora

**João Pessoa – PB
2014**

Dedicatória

Dedico este trabalho a todos os nossos colegas, educadores, os quais fizeram e ainda fazem parte da nossa trajetória profissional.

AGRADECIMENTOS

A Deus , o qual tem nos dado força e sabedoria para vencermos os obstáculos.

A nossa orientadora, professora Prof^a Ms. Teresa Neuma de Farias Campina pela dedicação e companheirismo.

A nossa família, nossa fonte de inspiração, que nos ensina a cada dia o significado do amor.

A todos que direta e indiretamente se fizeram presentes na construção deste trabalho , nosso muito obrigada.

“ Há um tipo de educação que tem por objetivo produzir conhecimentos para transformar o mundo, interferir no mundo, que é a educação científica. Mas há uma educação - e é isso o que chamo realmente de educação onde o objetivo não é fazer nenhuma transformação no mundo , é transformar as pessoas.”

Rubem Alves

RESUMO

Este trabalho apresenta uma reflexão sobre os múltiplos significados da identidade docente. O tema é bastante amplo e de extrema relevância, uma vez que a sua discussão não costuma fazer parte do cotidiano da escola. Sendo assim, o que se propõe é delinear o que leva uma pessoa a escolher a docência como uma profissão, manter-se nela por um longo período de sua vida e ainda demonstrar através do olhar um brilho quando a ela se refere. O que incita o educador a realizar a sua atividade, o significado e o sentido de ser docente. Para tanto foi dos comentários analíticos e considerações aqui tecidas. A análise da problemática foi aprofundada através de leituras que consideram a questão da opção pela carreira docente, o modo como o profissional constrói a sua identidade docente. Foram de extrema valia o pensamento teórico de Libâneo (2002), Morin (2002), Tardif (2008), Hall (2006), entre outros. Não há a pretensão de esgotarmos a reflexão sobre o assunto neste trabalho, no entanto, é um ponto de partida para o entendimento da relação do profissional da área da educação com a sua atividade docente, de forma que possa ser aproveitado nos estudos e reflexões que visam à melhoria da educação.

Palavras-chave: Identidade ; Docência ; Formação .

ABSTRACT

This paper presents a reflection on the multiple meanings of teacher identity. The theme is quite broad and extremely relevant, since his discussion usually not part of the school routine. So, what is proposed is to outline what causes a person to choose teaching as a profession, to keep at it for a long period of his life and still show through the eyes a glow when she refers. The urging educadoer to conduct its business, the meaning and the meaning of being a teacher. For this was of analytical comments and remarks made here. The analysis of the problem was deepened through readings that consider the question of the choice of a teaching career, how the professional builds your professional identity. Were extremely valuable theoretical thinking of Libâneo (2002), Morin (2002), Tardif (2008), Hall 92006), among others. There is no pretense of exhausting the reflection on the subject in this work, however, is a starting point for understanding the relationship of the professional in the field of education with their teaching, so that it can be leveraged in the studies and reflections aimed at improving education.

Keywords: identity; teaching; Training.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
CAPÍTULO I – UM OLHAR SOBRE OS DIZERES TEÓRICOS	12
1.1 Identidade: conceitos e propósitos.....	14
1.2 A construção da identidade docente	20
1.3 O exercício da docência	22
CAPÍTULO II : METODOLOGIA	25
CAPÍTULO III:-COMENTÁRIOS ACERCA DA IDENTIDADE DOCENTE	26
CONSIDERAÇÕES FINAIS	29
REFERÊNCIAS	

INTRODUÇÃO

O trabalho aqui proposto busca investigar os múltiplos significados da identidade docente, visto que o indivíduo constrói gradativamente sua identidade. As reflexões sobre a docência se situam num contexto educacional, num amplo e complexo processo de inter-relações pessoais e profissionais, de construção, de desconstrução e reconstrução permanente de sua identidade docente. É no olhar para essa interseção que podemos analisar e elaborar uma contribuição para a compreensão da identidade docente. O educador brasileiro Miguel Arroyo (2010, p.35) fala que :

O ofício de mestre faz parte de um imaginário onde se cruzam traços sociais afetivos, religiosos, culturais, ainda que secularizados. A identidade de trabalhadores e de profissionais não consegue apagar esse traço de uma imagem social, construída historicamente. Onde todos esses fios se entrecruzam. Tudo isso sou. Resultei de tudo.

Procurar compreender esse processo significa procurar interpretar o que se passa com essa pessoa, no exercício profissional, que ao ser tomado como objeto da reflexão se torna objeto de interpretação. Em vista disso, o processo interpretativo da explicação e da compreensão da práxis educativa e da identidade docente, no olhar da significação, da ressignificação e da ressimbolização, constitui uma ação hermenêutica. Constitui uma hermenêutica da práxis educativa e da identidade docente.

Ambas, a práxis e a identidade, vivem numa relação dialética de complementariedade. Portanto, quando se pensa na ressignificação, não se pode pensar na práxis e na identidade de forma separada e dicotomizada, pois uma está diretamente relacionada com a outra, cada uma é interdependente da outra.

Partindo desse pressuposto elaborou-se os seguintes questionamentos, Como se dá o processo da(s) identidade(s) docente(s), uma vez que a identidade é transformada a partir dos fazeres e dizeres do cotidiano?

Com base nessa problematização, apresentamos os seguintes objetivos: a) identificar os múltiplos olhares da identidade docente ; b) analisar os vários significados da identidade docente e suas transformações; e, c) compreender os processos que integrem outras dimensões do processo de autoconhecimento.

Partindo dos objetivos propostos, apontamos a seguinte hipótese: a) A identidade docente é construída no cotidiano de acordo com a realidade docente, pois as transformações da identidade são definidas historicamente ou biologicamente .

A escolha deste tema deu-se justamente pelas transformações que ocorrem no indivíduo nas formações e nos desafios enfrentados por esses indivíduos para chegar aos seus objetivos onde são necessários obter conhecimentos para caracterizar sua identidade . Neste sentido, escolha da temática de investigação também está diretamente relacionada com a minha trajetória pessoal e profissional.

Portanto, o trabalho busca encontrar os vários significados da identidade para formação do indivíduo , baseando-se nas leituras dos seguintes estudiosos Fricanet (1986), Nóvoa (1995-1999),Melucci(2004),Stuart Haal (2006), Silva (2008) , Sacristán (1995) entre outros .

A opção metodológica, procura desenvolver uma abordagem qualitativa de caráter interdisciplinar, estabelecendo relações entre diversos campos de saberes, aprendendo a ser ouvido, vivenciando com contextos culturais distintos e variados, frequentando tanto o ambiente da escola superior (faculdade) quanto o da escola estadual.

CAPÍTULO I – UM OLHAR SOBRE OS DIZERES TEÓRICOS

Na atualidade, o capital mais importante de um país é o conhecimento. Produzi-lo, contudo, depende de uma boa formação dos seus habitantes. Assim, a ausência de uma educação escolar de boa qualidade, efetivada por professores bem preparados e conscientes da importância social da escola, pode comprometer o desenvolvimento das inteligências necessárias a um mundo que demanda muita produção de conhecimento e mentes inovadoras.

As constantes transformações sociais, inerentes a um mundo globalizado, são potencialmente sentidas em função do princípio neoliberal que media as ações no mundo. Como efeito desse fenômeno, presenciamos as lutas por justiça social, distribuição de renda, reconhecimento de grupos étnicos, e de outras minorias que clamam seus direitos de cidadania e sobrevivência. Estes embates políticos têm reflexos em todas as instituições sociais, como, por exemplo, a escola, e passam a exigir dela e dos profissionais que nela atuam ações desafiadoras.

O processo de globalização econômico e social, bem como as inovações tecnológicas, científicas e a dinâmica das relações sociais impõem à escola um modelo de educação diferente daquele que ainda vigora em muitas instituições educativas e que remonta ao princípio da época do movimento Iluminista, ou seja, uma educação centrada nos saberes e conhecimentos dos professores. Dessa maneira, as escolas enfrentam diariamente uma luta “contra os alunos”, que se configura da seguinte maneira: de um lado, estão as instituições e os professores, com métodos canônicos e saberes que não interessam aos alunos, de outro, alunos que, cada vez mais, absorvem um contexto inovador globalizado, distante do ambiente escolar. No meio desse enfrentamento está a família, que deposita na escola o papel de educar seus filhos, mas não contribui para isso.

O cenário descrito acima aponta para a inevitável necessidade de se pensar e agir em direção à construção de um novo modelo de instituição escolar. Uma escola que esteja atenta aos anseios dos alunos, no que diz respeito às transformações sociais e tecnológicas, e que possua um corpo de profissionais atentos às demandas sociais e suas mudanças. Sobre isso, muito bem desenha Imbernón (2009, p.19) , quando, nas suas reflexões sobre as mudanças sociais, afirma que :

Essa evolução acelerada da sociedade em suas estruturas materiais, institucionais e formas de organização da convivência, modelos de família, de produção e de distribuição, reflete numa transformação das formas de viver, pensar, sentir e agir das novas e velhas gerações .

Assim, a educação torna-se cada vez mais complexa, e o mesmo acontece com a profissão docente, exigindo-se que o profissional da educação abandone a concepção de mero transmissor do conhecimento acadêmico, que nos dias atuais é obsoleta, e se posicione como agente de interação entre o aluno e o objeto de aprendizagem.

Os professores são importantes. Importantes para influir na aprendizagem dos alunos. Importantes para melhorar a qualidade da educação que as escolas e os estabelecimentos de ensino realizam cotidianamente. Importantes, em última análise, como uma profissão necessária e imprescindível para a sociedade do conhecimento. E visto que os professores são fundamentais, precisamos que nossos sistemas educativos sejam capazes de atrair os melhores candidatos para se tornarem docentes.

Necessitamos de boas políticas para que a formação inicial desses professores lhes assegure as competências que vão precisar durante sua longa , flexível e variada trajetória profissional. E a sociedade necessita de bons professores, cuja prática profissional cumpra os padrões profissionais de excelência que assegure o compromisso do respeito ao direito que os alunos têm de aprender.

Reivindicamos, portanto, um professor compreendido como um “operário do conhecimento”, desenhista de ambientes de aprendizagem, com capacidade para rentabilizar os diferentes espaços onde se produz o conhecimento. E também uma profissão docente caracterizada pelo que Shulman (1998) denominou uma comunidade de prática através da qual “a experiência individual possa se converter em coletiva”, posto que se trata de uma profissão que necessita mudar a sua cultura profissional marcada pelo isolamento e pelas dificuldades para aprender de outros e com outros, na qual é mal visto pedir ajuda ou reconhecer dificuldades .

As políticas de reforma educacional executadas em muitos países deterioraram as condições de trabalho dos docentes, causando desmoralização, abandono da profissão e absentismo, tendo, tudo isso, um impacto negativo na qualidade da educação que se oferece aos alunos. Como afirmam Day, Elliott e Kington, “os professores estão deixando de lado o que

consideram parte essencial de seu trabalho, a interação com os alunos, para abordar as prioridades de gestão e de avaliação” (Day, Elliot, & Kington, 2005).

Há evidências em relação ao fato de que as mudanças nas condições internas e externas das escolas produziram condições de extrema incerteza e crise de identidade dentro do que historicamente foi, para muitos professores, uma profissão estável (Day, Elliot, & Kington, 2005). O estudo a respeito da identidade docente se constitui numa área de investigação que ganha profundidade em diversos projetos de pesquisa. Estudos deram relevância às narrativas de experiências e percursos singulares, às formas complexas de individuação profissional. Também encontramos pesquisas cujas linhas de investigação têm incidido sobre concepções de ensino e atitudes em comparação com outros grupos de referência. Encontramos estudos sobre estratégias de adaptação, sobrevivência e permanência profissional, mesmo perante constrangimentos internos ou externos e em momentos diferenciados da carreira.

A contribuição deste texto se encaminha para a compreensão sobre a identidade dos professores numa perspectiva do vivido e do sentido e do significado de ser docente. É particularmente relevante a ênfase no trabalho profissional, uma linha de investigação que apela para o estudo das identidades múltiplas que nascem a partir das mudanças sociais e dos diferentes contextos. Os contextos em que o professor está inserido constituem uma perspectiva para estudar o dinamismo identitário e a construção de diferentes saberes através das mudanças interativas que acontecem entre as pessoas envolvidas no processo educacional.

É neste contexto e nas interações entre eles que se constrói o processo de identidade dos professores. Por isso, o questionamento da figura do professor através da problemática da construção social da sua identidade deve assumir espaço significativo nos trabalhos de investigação em ciências da educação. Há algo mais profundo que precisa ser percebido, ou seja, o educador ter consciência do papel que exerce, do que ele representa social e culturalmente, a sua condição de docente, a sua identificação com este ofício.

1.1 Identidade: conceitos e propósitos

No atual contexto das aprendizagens escolares, emerge a constatação de que a função clássica da educação escolar, que é a formação da pessoa, não está atendendo à complexidade dos problemas da vida, ou seja, não está promovendo a formação do aluno para atuar como cidadão na construção da realidade social. Com essa afirmação, não fazemos referência apenas

a questões tecnológicas e ecológicas, incluímos também os dilemas morais, aos quais a escola não pode permanecer indiferente, sob o risco de não formar sujeitos conscientes e críticos da sociedade. Como Morin (2000, p.55), acreditamos que o conhecimento dos limites do conhecimento foi à maior contribuição que o Século XX deu ao conhecimento. “É o indivíduo que sente no dia-a-dia a incerteza do sentido de sua vida”. Morin assinala as duas grandes incertezas que marcam a condição humana: a cognitiva e a história.

Do ponto de vista de Lasky (2005), a identidade profissional é a forma como os professores definem a si mesmos e aos outros. É uma construção do “si mesmo” profissional que evolui ao longo da carreira docente e que pode achar-se influenciado pela escola, pelas reformas e pelos contextos políticos, que “inclui o compromisso pessoal, a disposição para aprender a ensinar, as crenças, os valores, o conhecimento sobre a matéria que ensinam, assim como sobre o ensino, as experiências passadas, assim como a vulnerabilidade profissional” (Lasky, 2005). As identidades profissionais formam uma “complexa rede de histórias, conhecimentos, processos e rituais” (Sloan, 2006).

É preciso entender o conceito de identidade docente como uma realidade que evolui e se desenvolve, tanto pessoal como coletivamente. A identidade não é algo que se possui, mas sim algo que se desenvolve durante a vida. A identidade não é um atributo fixo para uma pessoa, e sim um fenômeno relacional. O desenvolvimento da identidade acontece no terreno do intersubjetivo e se caracteriza como um processo evolutivo, um processo de interpretação de si mesmo como pessoa dentro de um determinado contexto.

Sendo assim, a identidade pode ser entendida como uma resposta à pergunta “quem sou eu neste momento?” A identidade profissional não é uma identidade estável, inerente, ou fixa. É resultado de um complexo e dinâmico equilíbrio onde a própria imagem como profissional tem que se harmonizar com uma variedade de papéis que os professores sentem que devem desempenhar (Beijaard, Meijer, & Verloop, 2004).

Consideramos que as transformações de estilo de vida contribuíram também nas representações do papel do professor. Ao longo da história houve a necessidade de uma adaptação do trabalho docente conforme a realidade apresentada. É importante considerar a existência de diferentes instâncias por onde cada sujeito transita ou transitou em sua trajetória de vida/profissão e os saberes construídos durante a caminhada. No decorrer do percurso os docentes recebem formações, adquirem vivências e experiências a partir de situações formais e informais de educação. É importante que o profissional da educação perceba e valorize estas contribuições que os diferentes espaços e circunstâncias, por onde ele transita, podem oferecer

para a sua formação. Pensar a construção social do trabalho docente, a partir da trajetória de vida dos professores e professoras, representa “um olhar para cada ser”, respeitando a individualidade e como cada um construiu esse processo, no decorrer de sua caminhada.

A origem etimológica da palavra identidade e a questão conceitual sobre a identidade do docente é uma autoconstrução ou uma construção coletiva. De origem latina, a palavra identidade designa, segundo Bueno: “igualdade entre duas coisas, seres ou pessoas”. Essa definição do termo nos permite afirmar que identidade deve ser entendida, preferencialmente, como categoria coletiva, ou seja, algo somente identificável, em relação a outro que tenha características semelhantes. Para o professor, construir a sua identidade docente depende daquilo que considera como ideal para a sua profissão.

A identidade do professor corresponde aos seus valores e crenças, os quais consideram em relação ao aluno, a escola e educação. E a identidade do professor precisa ser entendida coletivamente, para além da pessoa, enquanto condição inata, ou seja, o docente só pode se compreender na profissão quando inserido em categoria maior, sendo assim, uma categoria profissional. Segundo Libâneo (2009,p.55)

O professor é um profissional cuja especificidade é a arte de ensinar. Para isso, tem em sua formação inicial um momento privilegiado para aprender um conjunto de habilidades, conhecimentos e requisitos que são essenciais para o exercício de sua função.

A isso o autor dá o nome de profissionalidade e dessa conquista derivam duas outras etapas de sua formação: a profissionalização e o profissionalismo. De acordo com o autor, a profissionalização refere-se às condições para o bom exercício da docência: formação (inicial e continuada) e condições de trabalho (salário, recursos físicos e materiais) adequadas. Já o profissionalismo refere-se ao desempenho competente do professor no que tange aos deveres e responsabilidades que são inerentes a sua profissão, bem como seu comportamento ético e político.

A pesquisadora Sonia Penin destaca que o termo profissionalização “indica o processo de formação de um sujeito numa profissão, que se inicia com a formação inicial e atravessa todos os momentos de formação continuada”. Na opinião da autora este processo ocorre tem em vista a transformação do próprio sujeito, uma vez que ele dialoga com a transformação da realidade. Penin referenda que a vivência de uma profissão em seu cotidiano

escolar junto com seus pares e o contexto geralmente interferem no desenvolvimento da própria identidade ou identidade do “eu”.

Sendo assim, a autora coloca que “nesse sentido é possível entender a palavra profissionalidade como a fusão dos termos profissão e personalidade”. Esta relação pessoa/profissão ocorre ao longo da vida produtiva, num processo contínuo a partir de diferentes experiências, tanto estimulantes quanto conflituosas. Já o termo profissionalização, na visão de Penin, “indica o processo de formação de um sujeito na profissão, que se inicia com a formação inicial e atravessa todos os momentos de formação continuada”. Fica evidente, na visão de Penin, que a formação inicial e a continuada fazem parte de um processo de formação do profissional que atua na área da educação. É possível afirmar, a partir das declarações dos pesquisadores, que a profissionalização e a construção da profissional idade envolvem diferentes aspectos de uma profissão, assim como os diversos tipos de ações que o profissional realiza.

Nesse sentido, vale lembrar que compreender uma situação de trabalho é tanto conhecer questões objetivas (carreira, salário, condições de trabalho), quanto as subjetivas, como a vivência diária do profissional no desempenho de sua função, incluindo relações sociais que o docente estabelece com os alunos, com seus pares e com a comunidade escolar, as alegrias, angústias e demais sentimentos que faz em parte do exercício da docência.

Libâneo afirma que, “se o professor perde o significado do trabalho, tanto para si como para a sociedade, ele perde a identidade com a sua profissão”. Ainda para o referido autor, identidade

É o conjunto de conhecimentos, habilidades e valores que definem e orientam a especificidade do trabalho do professor. Sabemos que a profissão de professor vai assumindo determinadas características, isto é, determinada identidade, conforme necessidades educacionais colocadas em cada momento da história e em cada contexto social (LIBÂNEO, 2009, p.36).

Sabemos que o professor, para atuar conforme as necessidades históricas contemporâneas, necessita de outras competências e saberes, além dos tradicionais que são colocados para o docente, e com isto ele acaba modificando o seu papel. O profissional da educação precisa estar em constante busca e atualização para acompanhar as mudanças e transformações pela qual a sociedade passa.

Selma Garrido Pimenta trabalha com a questão da identidade como algo pertencente à formação do professor, seja ela inicial ou continuada. Pimenta entende a identidade não como sendo um dado imutável. “É um processo de construção do sujeito historicamente situado”. Esta identidade se constrói a partir da significação social da profissão, da revisão constante dos significados sociais da profissão e também reafirmando as práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Formação entendida como um processo dinâmico no qual o docente esteja consciente das singularidades da atividade e possa, a partir do conhecimento acumulado e de suas práticas éticas e políticas, apontar caminhos para que o aluno transite nos desafios colocados atualmente pela sociedade e, mais do que isso, o professor possa ser capaz de problematizar a sua prática em contínuo processo de construção de sua identidade .

Percebemos que para Pimenta a identidade do professor se caracteriza por um processo de construção que reflete o contexto e momentos históricos, respondendo, dessa forma, às novas demandas colocadas pela sociedade. A necessidade da construção da identidade docente através de uma formação problematizadora da prática pedagógica. Segundo a autora, “é o que conferirá significado à atividade docente no seu cotidiano a partir de seus valores, de seu modo de situar-se no mundo , do sentido que tem em sua vida o ser professor”. Para que este processo de construção da identidade, historicamente situado, se construa, Pimenta (2007,p.86) complementa o seu pensamento, afirmando:

Uma identidade profissional se constrói, pois, a partir da significação social da profissão; da revisão constante dos significados sociais da profissão, da revisão das tradições. Mas também da reafirmação das práticas consagradas culturalmente e que permanecem significativas. Práticas que resistem a inovações porque prenes de saberes válidos às necessidades da realidade. Do confronto entre as teorias e as práticas, da análise sistemática das práticas à luz das teorias existentes, da construção de novas teorias.

É possível apontar que “mobilizar os saberes da docência”, expressão que a própria autora utiliza, seria o primeiro passo para a construção da docência. Cabe salientar que todo o docente durante a sua caminhada como professor já teve e continua tendo contato com diferentes professores, com linguagens, posturas éticas, políticas e pedagógicas e relações interpessoais, as quais podem ser vistas como situações bem particulares, uma vez que cada pessoa age e reage de forma diferente.

Pimenta entende a identidade profissional como um processo, na forma de construção permanente, pela significação social da profissão, na revisão de práticas consagradas

culturalmente e que permanecem válidas e pelo significado que cada professor atribui à sua profissão, com base em seus valores, sua visão de mundo, suas histórias de vida, suas representações, seus saberes, suas angústias e seus anseios pessoais e profissionais .

Para Carrolo, “a identidade do professor revela a crise da profissão e busca por uma identidade, mostrando-se um comportamento novo e uma forma de superar o ‘mal-estar’ comum na sociedade contemporânea”. O docente, cada vez mais, se vê diante de inúmeras circunstâncias, às quais ele precisa se adaptar. Entre elas, estão as demandas e pressões externas, da família, do ambiente, do meio social, do trabalho/escola. O professor se vê numa crise na maneira de ser na profissão, uma tensão que implica em dificuldades no modo como realiza a sua prática em sala de aula, que gera angústia e descontentamento frente às relações desse profissional com os outros que o cercam. O professor com crise de identidade vive uma descrença quanto ao valor e à importância do seu papel social.

É possível aqui relacionarmos a forma, técnica, como os docentes vinham sendo preparados, deixando à margem a dimensão reflexiva onde o professor tem a possibilidade de refletir e avaliar a sua prática, construindo assim uma maior identificação com a profissão. Entre os autores mencionados, parece haver uma concordância no que diz respeito à identidade profissional quando se entende que ela é dinâmica, que se processa em um tempo e espaço próprios, em um ciclo de vida profissional, e se produz entre a imagem interna - a identidade para si -, e a imagem externa - a identidade para os outros – ou seja, a forma como a sociedade vê e trata a profissão .

Estando ligada às representações sociais, a identidade profissional de educadores associa-se ao sentimento e à consciência de pertencimento a um grupo, do lugar em que cada um se coloca no mundo e na profissão, de ser um profissional e, nessa forma de pertencimento grupal, as diferentes formas de reconhecimento profissional parecem ocupar papel central. O conceito de identidade trata de uma construção que também diz respeito à apreensão e à interpretação da realidade, uma vez que é um processo de representação numa tentativa de compreensão de sua própria posição no mundo. A identidade do professor se constrói em diferentes espaços sociais, onde ele trabalha com diferentes realidades e públicos, nos quais se estabelecem múltiplas relações entre as pessoas. A construção e a socialização dos saberes, valores, atitudes, das normas, das necessidades, das expectativas de cada um, a forma como cada professor interpreta, organiza e trabalha com eles são elementos necessários à construção das identidades profissionais.

1.2 A construção da identidade docente

A incerteza do conhecimento está submetida a três princípios: o cerebral – o conhecimento como tradução e construção; o físico – conhecimento dos fatos; e o epistemológico – decorrente da crise dos fundamentos da certeza. O autor afirma ainda, que o conhecimento e o pensamento ocorrem no diálogo com a incerteza e que ao educador é indispensável ter clareza sobre o sentido de sua missão. Assim, quanto maior o grau, ou a quantidade de incerteza, ou o tipo, ou a natureza da inovação, as atividades educativas exigirão mais teorização e pesquisa, e, portanto, atividade reflexiva.

O ser humano construiu e constrói sua história, sua identidade através das relações que se estabelecem ao longo da sua vida pessoal e profissional e através das quais nós podemos perceber o que nos faz igual e diferente. Nesta construção cada um deixa um pouco de si e leva um pouco da outra pessoa. Os seres humanos são e se constituem historicamente, uma história datada e contextualizada. Marcada pela diversidade de vivências em lugares díspares, convivendo com diferentes pessoas e com as gritantes diferenças existentes em nossa sociedade. Essas vivências e as transformações ocorridas em nossas vidas, sempre em constante ir e vir, contribuem com a constituição da identidade da pessoa e do profissional.

A história de vida contribui e evidencia os valores, os conhecimentos e os diferentes contextos, pois solicitam diferentes ações, fazendo com que a pessoa adquira vivências e experiências variadas e ao mesmo tempo únicas e certamente nos fazendo crescer e amadurecer como pessoa e como profissional. Nestes aspectos acontece a transformação quando estas aprendizagens, que perpassam os diferentes papéis, compõem e vão dando forma à nossa identidade. Olhando desta forma é mais fácil compreender e perceber que no contexto educacional atuamos com profissionais, ou seja, os nossos pares que também possuem uma trajetória de vida e a partir dela foram constituindo sua identidade pessoal e profissional .

O desenvolvimento pessoal e profissional de um professor é um processo complexo e tecido conforme ele se posiciona em relação a múltiplas e, por vezes, contraditórias situações. Para tanto, contribuem também múltiplos e, por vezes, contraditórios significados, pontos de vista, valores morais e crenças expressos pelos discursos elaborados por vários interlocutores que se situam nos diferentes contextos. Para conhecer mais sobre o processo de formação da identidade da pessoa e do docente cabe buscarmos por uma literatura no sentido de entender e compreender o processo de constituição e formação da identidade docente.

A identidade profissional docente está, atualmente, sob exame. Em seu recente livro, Antonio Bolivar reflete e analisa a crise de identidade profissional dos docentes, especialmente no nível de ensino secundário (Bolivar, 2006). Do ponto de vista de Bolivar,

As mudanças das últimas décadas geram ambiguidades e contradições na situação profissional dos professores. A crise de identidade profissional docente deve ser compreendida no cenário de uma certa decadência dos princípios ilustrados modernos que davam sentido ao sistema escolar (p. 13).

Essas mudanças não só estão relacionadas com a própria profissão docente como com “um quadro mais geral de transformações sociais, que fragmentou os espaços tradicionais de identificação sexual, religiosa, familiar ou ocupacional” (Bolivar, 2006, p.25); transformações essas nas quais o local e o global, a estabilidade e a mudança, estão desempenhando um papel desestabilizador no que diz respeito às certezas que em outras décadas caracterizaram nossas sociedades

No bojo das discussões sobre a melhoria da boa qualidade da educação escolar, a atuação dos professores, invariavelmente, figurou como um dos principais fatores. Essa preocupação dirige o foco da atenção necessariamente para a formação desse profissional. Atualmente, temos a clareza de que a formação dos professores se configura como uma atividade complexa que envolve duas etapas que se complementam.

Os professores constroem suas identidades pessoais no seu grupo e nos respectivos contextos e em interação com os outros grupos profissionais. Nas relações sociais se constroem identidades coletivas, do grupo, que são características e definidoras desse grupo profissional, ou seja, pode-se falar de um núcleo central de identidades. Desta forma o professor deve estar ciente e preparado para atuar de acordo com o que o contexto social necessita naquele momento.

A docência é a única das profissões em que os futuros profissionais se veem expostos a um maior período de observação não dirigida em relação às funções e tarefas que desempenharão no futuro. Como comenta Tardif, a docência

Também exige uma socialização na profissão e uma vivência profissional através das quais a identidade profissional vai sendo pouco a pouco construída e experimentada, e onde entram em jogo elementos emocionais, de relação e simbólicos que permitem que um indivíduo se considere e viva como professor e assuma assim, subjetiva e objetivamente, o fato de realizar uma carreira no ensino (TARDIF, 2004, p. 79).

Por outro lado, já se tornou clássico o trabalho desenvolvido por Lortie (1975) em relação à socialização prévia no ensino. Esse autor descobriu que os professores desenvolvem padrões mentais, crenças sobre o ensino, a partir do período tão prolongado de observação como alunos.

A identidade docente vai se configurando assim, de forma paulatina e pouco reflexiva através do que poderíamos denominar aprendizagem informal e mediante a observação em futuros professores que vão recebendo modelos docentes com os quais se vão identificando pouco a pouco, e em cuja identificação influem mais os aspectos emocionais que os racionais. E, como comentam van Veen, Slegers e van den Ven,

Dado que a interação humana é tão importante na prática docente, e que os professores com frequência se envolvem muito profundamente em seu trabalho, as recentes pesquisas vêm afirmar que as emoções constituem um elemento essencial no trabalho e na identidade dos professores (2005, p.918).

Esse vínculo entre os aspectos emocionais e cognitivos da identidade profissional docente não de ser levados em conta na hora de apresentar propostas formativas, já que, como veremos em seguida, as emoções constituem uma parte muito importante das crenças que nós, os professores, desenvolvemos acerca de como se ensina, como se aprende, e como se aprende a ensinar. Mudar essas crenças requer também uma forte participação emocional.

1.3 O exercício da docência

Consideramos a necessidade da implementação de políticas que efetivamente valorizem a carreira do magistério, com a oferta de condições salariais e de trabalho dignas para esta categoria profissional. Estes fatores não podem deixar de estar presentes em todas as discussões e pautas políticas que tratam da melhoria da qualidade da educação. A formação e a valorização dos professores são fatores imprescindíveis para a construção de um sistema educacional público de qualidade no Brasil.

Há muito tempo os professores esperam por um reconhecimento e valorização de sua profissão, porém como se trata de uma atividade profissional caracterizada essencialmente como uma função de estado, a sociedade, edificada no princípio neoliberal de valorização das

mercadorias de consumo, não percebe o valor da atividade docente. O poder público, por sua vez, não tem interesse em valorizar um trabalho, cujo fruto é a produção de massa pensante. Assim, historicamente o magistério se configurou como uma profissão de estado que estrategicamente nasceu desvalorizada. Por isso, compreender o passado, bem como os conflitos e dilemas dessa profissão e confrontá-los com as práticas atuais é um exercício imprescindível para entender a constituição da profissão docente e os caminhos da formação.

O professor que está iniciando a sua caminhada como docente traz em sua bagagem conhecimentos, saberes, valores e crenças, os quais muito em breve irá partilhar com seus pares e com os discentes. A entrada no portão da escola pode lhe causar receio, preocupação, angústia e tensão, pois ele deixa a sala de aula onde teve a formação inicial e parte para a sala de aula onde colocará em prática suas teorias, dúvidas e incertezas típicas de quem está iniciando e assumindo, de forma oficial, a profissão de professor. Conforme Contreras

Este é um momento em que surge o conflito de que precisa ensinar e ao mesmo tempo não adquiriu ainda a segurança e nem possui a certeza de que está no caminho certo. Neste período o professor procura utilizar diferentes recursos pessoais e sociais para dar o passo inicial a sua carreira. é um período onde não sabemos muito bem qual o rumo tomar (2008,p.55).

Garcia coloca que, no primeiro ano de carreira, os professores ainda não possuem uma identidade profissional, e que, durante o segundo e o terceiro ano de profissão, ainda estão em busca da própria identidade pessoal e profissional. Neste período o professor está mais preocupado em dar aulas, são muitas novidades e informações que precisa absorver que acaba direcionando suas ações neste sentido. Com o decorrer do tempo aumenta a segurança e o domínio tanto de conteúdos, manejo de classe e acaba adquirindo um discernimento maior do que é realmente o seu papel como docente.

Apesar deste processo de construção, o professor precisa assumir a sua tarefa, passando a atuar em sala de aula e se sentindo na responsabilidade e no compromisso de corresponder às expectativas tanto pessoais, quanto profissionais. Para Garcia, o professor que está iniciando a sua atividade como professor, na retrospectiva da história de estudante, destaca aquele ou aqueles docentes que foram significativos, e a partir destes “modelos” passa a eleger as melhores práticas e colocá-las em ação. Neste momento é provável que venha a recordar situações que não foram experiências muito positivas. Estas por sua vez, são analisadas sob o ponto de não incorrer no erro dos antigos professores. O professor iniciante também observa

como os seus colegas trabalham passando a adotar ou adaptar algumas práticas com as quais simpatiza e se identifica.

À medida que o docente vai solidificando e construindo sua prática, ele percebe o seu papel social, observa, analisa e contextualiza a realidade em que está atuando, constata a importância de construir uma relação sócio-afetiva e afetiva com o aluno e, aos poucos, adquire mais segurança e domínio nos conteúdos e técnicas, adequando-os à realidade em que está inserido. Ou seja, a sua prática vai, paulatinamente, adquirindo consistência. De acordo com Facci (2007,p.15)

È fundamental analisar os ciclos de vida profissional considerando-se as 'condições históricas do desenvolvimento da carreira. Não é possível aceitar que os professores se desenvolvam voltados apenas para si mesmos, sem considerar fatores políticos, econômicos e sociais que interferem no desenvolvimento do trabalho.

A trajetória profissional é marcada por vários acontecimentos compostos por crises e conflitos que trazem consigo significativas mudanças que desencadeiam um processo de aprendizagem. Alguns professores podem atingir a estabilização na profissão mais cedo que outros, devido a vários fatores de determinadas ordens.

Assim, os saberes dos professores carregam as marcas dos seres humanos, que têm a particularidade de existirem como indivíduos. O fenômeno da individualidade está no cerne do trabalho dos professores, que como todo trabalho humano, é um processo constituído de diferentes componentes que podem ser isolados abstratamente para fins de análise.

Na esteira da discussão sobre a formação docente, outro autor a quem recorremos para nos amparar nessa questão é Schön (1992). Este autor argumenta que somente o aporte teórico, como elemento da formação do professor, é insuficiente para orientar a prática docente. Para ele, a prática do professor deve ser constantemente reelaborada pela “reflexão sobre a ação”, ou seja, pela reflexão empreendida antes, durante e depois de sua atuação, cujo objetivo é a superação das dificuldades experienciadas no cotidiano escolar. Schön sugere um novo desenho para a formação do professor, em que o mesmo aprende e se aperfeiçoa na arte do seu ofício. Para Schön (1992), o professor realiza esse processo ao problematizar sua experiência, buscando soluções e tentando esclarecer as razões subjacentes às suas ações.

O processo investigativo/reflexivo é favorecido pelas trocas de experiências, justificando a importância da atuação coletiva dos professores no espaço escolar. Para trocar

experiências, bem como para compreender, apoiar e acompanhar a prática da sua ação/reflexão, o professor precisa encontrar parcerias na escola. Embora Schön apresente o exercício da ação/reflexão como uma atividade individualizada, entendemos que é fundamental que essa prática seja compartilhada e tal compartilhamento possa ser efetivado com o apoio da comunidade escolar, pois além de contribuir com a reflexão do professor sobre sua ação, olhará o problema do professor da perspectiva de quem está de fora, isto é, sem o envolvimento passional que muitas vezes desorienta aquele que é parte da questão.

CAPÍTULO III : METODOLOGIA

Nossa investigação se concentra em analisar a identidade docente. Para esse propósito optamos pela pesquisa bibliográfica, por ser um caminho que possibilita fazer descobertas, encontrar novos significados a respeito do tema estudado e discutir e avaliar alternativas reconhecendo o conhecimento como algo não acabado, ou seja, como uma construção que se faz e se refaz continuamente (LUDKE; ANDRÉ, 1986).

Também reconhecemos na pesquisa de caráter qualitativo um trabalho que envolve crenças, percepções, sentimentos e valores que influenciam a forma de agir das pessoas, bem como os comportamentos que não são passíveis de se conhecer pelo imediato, necessitando, assim, serem desvelados (ALVES – MAZZOTTI, 2002).

A pesquisa qualitativa tem por objetivo traduzir e expressar o sentido dos fenômenos do mundo social; trata-se de reduzir a distância entre teoria e dados, entre contexto e ação. Ela busca uma compreensão particular daquilo que estuda, seu foco de atenção é no específico, no peculiar, buscando mais a compreensão do que a explicação dos fenômenos estudados. A abordagem qualitativa facilita descrever a complexidade de problemas e hipóteses, assim como, analisar a interação entre variáveis, além de possibilitar a compreensão e classificação de determinados processos sociais (MAANEN, 1979).

Em nosso caso, como se trata de uma pesquisa que busca investigar a percepção de professores sobre a identidade docente, assim como necessidades, angústias, desafios e obstáculos inerentes ao seu desempenho profissional, é preciso muita atenção e dedicado exame dos dados, pois essa análise nos possibilitará fazer inferências sobre o cotidiano da escola e do trabalho docente. Assim :

O estudo qualitativo é o que se desenvolve numa situação natural, é rico em dados descritivos, tem um plano aberto e flexível e focaliza a realidade de forma complexa e contextualizada (LÜDKE & ANDRÉ, 1996, p.18).

Ainda sobre abordagem qualitativa, André (1995) defende que o termo pesquisa qualitativa não seja utilizado de forma tão ampla e genérica, mas que sejam utilizadas denominações mais precisas para identificar o tipo de pesquisa, como: etnográfica, estudo de caso, participante, pesquisa-ação e outros que aparecem associados à abordagem qualitativa.

CAPÍTULO III- DISCUSSÃO ACERCA DA IDENTIDADE DOCENTE

No mundo contemporâneo, em que as mudanças ocorrem continuamente e as informações são veiculadas de modo muito veloz, a formação continuada é uma necessidade em qualquer área de atividade profissional. Para os professores isso não é diferente, e dessa formação continuada dependem a qualidade do seu trabalho e a educação escolar. Nesse sentido, Nóvoa (1999, p. 97) chama nossa atenção para o fato de que

A situação dos professores perante a mudança social é comparável a um grupo de atores, vestidos com traje de determinada época, a quem sem prévio aviso se muda o cenário, em metade do palco, desenrolando um novo pano de fundo, no cenário anterior. Uma nova encenação pós-moderna, colorida e fluorescente, oculta a anterior, clássica e severa. A primeira reação dos atores seria a surpresa. Depois, tensão e desconcerto, com um forte sentimento de agressividade, desejando acabar o trabalho para procurar os responsáveis, a fim de, pelo menos, obter uma explicação. Que fazer? Continuar a recitar versos, arrastando largas roupagens em metade de um cenário pós-moderno, cheio de luzes intermitentes? Parar o espetáculo e abandonar o trabalho? A palavra mal-estar poderia resumir os sentimentos deste grupo de atores.

As mudanças que a sociedade coloca à vida profissional do professor, são semelhantes às aquelas apresentadas por Nóvoa, isso ocorre, por um lado, porque a sociedade está realmente em constante mudança e, por outro, porque o professor é um tipo de profissional que não foi

preparado para atuar em ambientes em constantes mudanças. A escola é por sua natureza uma instituição canônica, que atua na transmissão de valores históricos e morais cristalizados, nesse sentido a mudança nem sempre é vista como progresso.

As mudanças de vida e de comportamento social exigem da escola mudança de conteúdos; diversidade nas fontes de informações e, sobretudo, reformulação no papel do professor - que passa a ser um facilitador das aprendizagens dos alunos e abre espaço para que o educando seja autor da sua aprendizagem. Estas mudanças de conteúdo, de metodologia e de postura do professor e da escola são necessárias e devem ser efetivas, porém elas não ocorrerão de maneira tranquila. Os conflitos que certamente aparecerão, colocarão em evidência as práticas tradicionais e propiciará ao professor uma reflexão sobre o papel da educação escolar no atual contexto social.

O professor deve perceber, então, que as relações sociais são cada vez mais complexas e exige dele e da escola uma constante evolução, no que solicita dele que seja comunicativo, sociável, responsável, criativo, crítico, reflexivo, empreendedor, competente, bem informado e que domine as novas tecnologias, além de ser competente, habilidoso, proativo e que domine a cultura e os conhecimentos específicos da sua disciplina. Da escola é cobrado que seja uma instituição vanguardista. Que ensine os conhecimentos específicos, mas também que seja democrática, solidária, plural, que promova discussões acerca dos problemas sociais e que seja informatizada.

Esse contexto de mudanças constantes e de múltiplas exigências, relativas ao professor e à escola, nos conduz à necessidade de repensarmos a formação dos professores, tanto a formação inicial, como a continuada. A formação inicial deve ser repensada no sentido de estabelecer de fato uma relação entre a etapa teórica – que é necessária e fundamental – com o cotidiano da escola. A fase inicial da formação docente supõe uma competência que não pode estar desvinculada da realidade na qual o aluno de licenciatura atuará, uma realidade permeada pelos problemas originados nas relações de produção e pelo advento da inovação tecnológica e científica, além da coexistência de diversas culturas e poder econômico.

Portanto, parece evidente que os cursos de formação de professores precisam passar por uma revisão, quanto a pertinência de seus currículos e práticas, para que esta formação esteja mais próxima da realidade, visando a definição de saberes e competências necessárias aos novos paradigmas sociais. É preciso tornar claro quais são os saberes dos professores que precisam ser reconstruídos, para que consigam desempenhar de maneira eficiente sua atividade.

Entendemos que as habilidades e competências da prática do professor precisam ser incorporadas à formação inicial, da mesma forma que a sistemática das disciplinas da formação inicial precisam ser incorporadas à racionalidade da prática do professor. Sobre isso, Perrenoud (2001) nos oferece boas contribuições. Segundo este autor, para o exercício da profissão docente não basta somente dominar os conteúdos que ministra, assim como não basta ter “jeito” com crianças, ou ainda seguir o bom senso e as intuições.

O professor deve perceber, então, que as relações sociais são cada vez mais complexas e exige dele e da escola uma constante evolução, no que solicita dele que seja comunicativo, sociável, responsável, criativo, crítico, reflexivo, empreendedor, competente, bem informado e que domine as novas tecnologias, além de ser competente, habilidoso, proativo e que domine a cultura e os conhecimentos específicos da sua disciplina. Da escola é cobrado que seja uma instituição vanguardista. Que ensine os conhecimentos específicos, mas também que seja democrática, solidária, plural, que promova discussões acerca dos problemas sociais e que seja informatizada.

Todo saber implica um processo de aprendizagem e de formação; e, quanto mais desenvolvido, formalizado e sistematizado é um saber, como acontece com as ciências e os saberes contemporâneos, mais longos e complexos se torna o processo de aprendizagem, o qual, por sua vez, exige uma formalização e uma sistematização adequadas. Por outro lado, no contexto atual a produção de novos conhecimentos é apenas uma das dimensões dos saberes e da atividade científica ou de pesquisa. Ela pressupõe, sempre e logicamente, um processo de formação baseado nos conhecimentos atuais (TARDIF, 2008, p. 34-36).

Na busca pelo entendimento sobre a necessidade da formação do professor, e como base para nossas análises e discussões, recorreremos às ideias de autores, como Nóvoa (1991,1999), Imbernón (1998, 2009, 2010), Tardif (2008, 2009), Perrenoud (1993, 2001), Schön (1992, 2000), Freire (1979, 1997) e outros, que caminham na busca da compreensão e do reconhecimento do professor como verdadeiro autor da sua ação. Estes autores nos auxiliam na compreensão sobre a formação e a atuação do professor.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O conhecimento da formação docente deve constituir-se a partir de vivências e observações de práticas concretas, possibilitando uma dialética entre a prática profissional e a formação teórica, ou seja, a experiência na sala de aula e a pesquisa desenvolvida, entre os futuros professores e os seus formadores. Para Tardif (2008), a formação inicial visa habituar os alunos, futuros professores, à prática profissional dos professores e fazer deles “práticos reflexivos”. A prática docente é carregada de sentido, onde se busca o ser infinito do humano, onde o professor desenvolve pela sua experiência uma prática que, mediada pela reflexão, gera um conhecimento que lhe é específico.

Ainda sobre a formação, Perrenoud (1993) defende uma renovação nos currículos e nas práticas, em função das mudanças nas condições de trabalho, demandas sociais, inovações tecnológicas e estado dos saberes. Ele aponta a renovação na formação inicial como parte integrante de uma transformação mais profunda na profissão. Assim como Tardif (2008), Perrenoud (1993) também entende a formação inicial como uma relação dialética entre o fazer e o refletir, à luz da teoria, necessária diante da complexidade da docência, que exige antecipação, ajustamento à situação e adoção de nova estratégia em situações complexas e inesperadas.

Deprendemos desses autores, que a formação inicial deve constituir-se em alicerces que sustentam a construção de um conhecimento pedagógico especializado. Esta formação deve dotar o futuro professor de uma bagagem sólida nos âmbitos científico, cultural, contextual, psicopedagógico e pessoal, para que o capacite a assumir a tarefa educativa em toda sua complexidade, atuando reflexivamente com a flexibilidade e o rigor necessários. Essa concepção é reforçada por Imbernón (2010, p.69), que confirma a importância da formação inicial, visto que ela se constitui no início da profissionalização como um período em que as virtudes, os vícios, as rotinas etc., são assumidos como processos usuais da profissão.

A ideia de Freire sobre *inconclusão*, ilustra muito bem nossa concepção sobre a necessidade da formação continuada do professor, como um profissional que necessita estar continuamente à busca da sua completude. Sobre essa discussão, também recorreremos às contribuições de Silvia (2006, p. 164), que também concorda com a necessidade de uma formação continuada do professor, pois ela encontra-se quase sempre vinculada à precariedade da formação inicial. Para a autora citada, os professores se deparam com diferentes abordagens

que definem as ações de formação, e uma delas é em relação à concepção de formação continuada.

Segunda a autora, ao verificarem a literatura que aborda a discussão sobre formação docente, ela constatou que existem concepções diferentes de formação. Tais diferenças estão relacionadas com os métodos, objetivos e conteúdos, e recebem, inclusive, diferentes denominações como: reciclagem, treinamento, capacitação e aperfeiçoamento. Há também, uma tendência recorrente entre os formadores e instituições de formação, de encarar a formação continuada como um “remendo”, isto é, uma tentativa de remediar o déficit da formação inicial.

A docência é uma prática carregada de sentido. Assim, a razão que orienta o saber docente é constituída por uma racionalidade. O professor desenvolve pela sua experiência uma prática que, mediada pela reflexão, gera um conhecimento que lhe é específico. Não encontramos em livros, manuais uma receita para se formar um bom professor. Não temos a garantia de que para ser um bom professor basta a formação numa licenciatura. O que faz um bom professor? No seu cerne a docência é um ofício, uma identificação com a profissão. Por tanto, se aprende a ser professor por uma conquista, identificando-se e vendo significado na ação docente.

A profissão docente encontra-se em uma encruzilhada que deve resolver dando respostas inovadoras aos problemas que a educação tem apresentado em nossos dias. De nada adianta recordar que “qualquer tempo passado foi melhor”. O tempo que nos coube viver é este e nele arriscamos algo tão importante como é a capacidade de permanência de uma instituição que, ao longo dos últimos séculos, contribuiu como nenhuma outra para assegurar a igualdade e o acesso ao conhecimento das pessoas. O desafio, portanto, é transformar a profissão docente em uma profissão do conhecimento. Uma profissão que seja capaz de aproveitar as oportunidades de nossa sociedade para conseguir que respeite um dos direitos fundamentais: o direito de aprender de todos os alunos e alunas, adultos e adultas.

É um desafio contínuo ser professor. É uma conquista que se faz no dia-a-dia, em cada atividade, na aula, na sala de aula, na escola, com os alunos, com os colegas professores e até com os pais dos alunos. O conteúdo de uma aula não está apenas no conteúdo a ser ensinado, mas na realização da formação do humano outro ser humano, que se faz educando.

REFERÊNCIAS

- ALVES, M., A.J.; GEWANDSNAJDER, F. **O Método nas ciências naturais e sociais.** Pesquisa qualitativa. 2ª Ed. São Paulo: Pioneira, 2004.
- ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação.** 2. ed. São Paulo: Moderna, 1996.
- BRASIL. Pesquisa Nacional Unesco. **O perfil dos professores brasileiros: o que fazem, o que pensam, o que almejam.** São Paulo: Moderna, 2004.
- FREIRE, P. **Política e educação.** São Paulo: Cortez, 1997.
- _____. **Educação e mudança.** Paz na terra, Rio de Janeiro, 1979.
- GEGLIO, P. C. **Questões da formação continuada de professores.** São Paulo: Editora Alfa-Omega, 2006.
- _____. **O coordenador pedagógico e a questão da inclusão.** In ALMEIDA, L.R. de e PLACCO, V. M. N. de S (Org). **O coordenador pedagógico e questões da contemporaneidade.** São Paulo: Edições Loyola, 2006.
- _____. **O papel do coordenador pedagógico na formação do professor em serviço.** In PLACCO, V. M. N. de S e ALMEIDA, L.R. de S (Org). **O coordenador pedagógico e o cotidiano da escola.** 2ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.
- IMBERNÓN, F. **Formação docente e profissional: forma-se para a mudança e a incerteza;** (tradução Silvana Cobucci Leite) – 8ª Ed – São Paulo: Cortez, 2010. – (coleção questões da nossa época; v. 14).
- _____. **Formação permanente do professorado: novas tendências;** (tradução de Sandra Trabucco Valenzuela) São Paulo: Cortez, 2009.
- _____. **Formação docente e profissional: forma-se para a mudança e a incerteza.** São Paulo: Cortez, 2001.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Reflexividade e formação de professores: outra oscilação do pensamento pedagógico brasileiro.** In PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs). **Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito.** São Paulo: Cortez, 2002.
- LÜDKE, M; A, E.D.A. **Pesquisa em educação: abordagens qualitativas.** São Paulo, EPU, 1986.
- MAANEN, J, V. **Reclaiming qualitative methods for organizational research: a preface.** In Administrative Science Quarterly. Vol. 24, nº 4, Decembrer 1979.
- MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita: repensar a reforma, reformar o pensamento.**

Trad. Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

NÓVOA, A. **O passado e o presente dos professores.** In _____(Org). **Profissão Professor.** 2ª Ed. Porto: Porto Editora , 1999 (Coleção Ciências da Educação).

_____. **Para o estudo sócio-histórico da gênese e desenvolvimento da profissão docente.** In. Teoria e educação. Porto Alegre, (4), 1991.

PERRENOUD, P. **Práticas Pedagógicas, profissão docente e formação:** perspectivas sociológicas. Lisboa: Dom Quixote, 1993.

PIMENTA, Selma Garrido; ANASTASIOU, Lea das Graças Camargo. **Docência no ensino superior.** São Paulo: Cortez Editora, 2000.

_____. Professor reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (Orgs.). Professor reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito. São Paulo: Cortez, 2002.

_____, **Ensinar:** Agir na urgência, decidir na incerteza. Porto Alegre: Artmed, 2001.

_____. **A prática reflexiva no ofício do professor:** profissionalização e razão pedagógica. Porto Alegre, Artmed, 2002.

SCHÖN, D. A. **Educando o profissional reflexivo:** um novo design para o ensino e a aprendizagem: tradução Roberto Cataldo Costa. Porto Alegre: Artemed, 2000.

TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

_____, LESSARD, Claude. **O ofício de professor:** história, perspectivas e desafios internacionais: tradução de Lucy Magalhães. 3ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.